



Em defesa da literatura brasileira em Portugal: Adolfo Casais Monteiro e Arnaldo Saraiva

In Defense of Brazilian Literature in Portugal: Adolfo Casais Monteiro and Arnaldo Saraiva

Lilian Maria Barbosa Ferrari

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais / Brasil

liliaferrari@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-5648-9149>

Joelma Santana Siqueira

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais / Brasil

jandrausufv@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1975-887X>

Resumo: O artigo tem por objetivo discutir trabalhos de Adolfo Casais Monteiro e Arnaldo Saraiva realizados em prol da literatura brasileira e da manutenção das relações culturais entre Brasil e Portugal. Considerou-se a biografia de ambos tendo em conta suas inserções em contextos sociais e históricos específicos. Buscou-se demonstrar a intervenção desses intelectuais em favor da literatura e cultura brasileiras. Realizou-se também um breve levantamento de textos importantes que trataram da contribuição desses intelectuais portugueses para a cultura local. Adolfo Casais Monteiro foi pioneiro no trabalho comparativo entre o Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português, o qual, posteriormente, foi desenvolvido por Arnaldo Saraiva, cujo objetivo era o de demonstrar o diálogo mantido entre os autores modernistas brasileiros e portugueses. Destaca-se, por fim, o empenho desses estudiosos, os quais contribuíram para a história da cultura mesmo em momentos difíceis de autoritarismo e de crise das humanidades.

Palavras-chave: literatura brasileira em Portugal; relação Brasil-Portugal; Adolfo Casais Monteiro; Arnaldo Saraiva.

Abstract: The goal of this paper is to discuss the works of Adolfo Casais Monteiro and Arnaldo Saraiva, dealing especially with those done in support of Brazilian literature and of maintenance of cultural relationship between Brazil and Portugal. Their biographies have been taken into account, regarding their specific social and historical contexts, with the objective of demonstrating these intellectuals' intervention on behalf of Brazilian literature and culture. A brief survey of relevant texts regarding these Portuguese intellectuals'

contribution to the local culture was also conducted. Adolfo Casais Monteiro paved the way for the comparative work concerning Brazilian Modernism and Portuguese Modernism, which was further explored by Arnaldo Saraiva, with the objective of highlighting the dialogue between Brazilian and Portuguese modernist authors. Lastly, we emphasize the effort of these scholars, who have much contributed to the culture's history, even amidst difficult moments such as authoritarianism and crisis in the humanities' field.

Keywords: Brazilian literature in Portugal; Brazil/Portugal relationship; Adolfo Casais Monteiro; Arnaldo Saraiva.

1 Introdução

Ao longo da história, foi frequente a ocorrência de emigração e retorno entre a cidade do Porto, situada a Noroeste de Portugal, e o Brasil. Como atesta Maria Antonieta Cruz em pesquisa sobre o tema nos periódicos *Jornal do Porto* e *Comércio do Porto*, publicados entre 1859 e 1875, o interesse da imprensa portuense na segunda metade do século XIX por tudo o que se passava no Brasil comprova esse fato. De acordo com Cruz (1989, p.186-187), “o Brasil tinha um lugar privilegiado nestes jornais, onde tudo o que ocorria na antiga colônia era objecto de interesse”, desde registros de contrato social no Tribunal de Contas, portugueses falecidos no Brasil, carestia da vida, ações governamentais e até pormenores da vida cultural.

Muitos são os nomes de portuenses famosos que se dirigiram ao Brasil. Entre eles, podemos citar Pero Vaz de Caminha, autor do primeiro texto escrito no e sobre o Brasil; Bento Teixeira, autor do poema épico *Prosopopeia* (1601); Tomás Antônio Gonzaga, influente poeta do século XVIII; Filinto de Almeida, poeta e dramaturgo; Agostinho da Silva, filósofo, professor e filólogo que esteve envolvido na criação do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília, além de participar na fundação de outras universidades do Brasil (cf. UNIVERSIDADE DO PORTO, 2010, c1996-2010); Adolfo Casais Monteiro, poeta, ensaísta e professor, diretor da revista *A Águia* e também da revista de análise artística e crítica *Presença*, com larga influência no Brasil, onde atuou como docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Araraquara (SP) (cf. UNIVERSIDADE DO PORTO, 2010, c1996-2010). Entre nomes recentes, podemos citar Arnaldo Saraiva, poeta, professor, crítico, ensaísta e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Nascido em Casegas, mudou-se em 1970 para o Porto, onde vive até o presente momento.

Tem sido grande o número de professores, pesquisadores e grupos de estudos dedicados à literatura brasileira, bem como o de trabalhos em nível de pós-graduação nessa área realizados nas faculdades portuguesas. Nesse sentido, destaca-se a frequência com que pesquisadores brasileiros têm se dirigido a Portugal, interessados nos estudos de literatura brasileira desenvolvidos em instituições portuguesas, haja vista as dissertações e teses defendidas. Outro indicativo desse interesse são os eventos acadêmicos voltados para a literatura e cultura brasileiras realizados em terras portuguesas, como o “IV Congresso Português de Literatura Brasileira”, ocorrido em 2005 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), com o tema “O Porto e a literatura brasileira”, que teve como objetivo discutir o trabalho de autores portuenses ligados ao Brasil – como Pero Vaz de Caminha, Tomás Antônio Gonzaga e Adolfo Casais Monteiro – e de autores brasileiros que escreveram sobre o Porto – como Murilo Mendes, Antônio Torres e Érico Veríssimo (cf. CONGRESSO..., 2005) –, além de voltar-se também para editores, revistas e jornais portuenses especialmente dedicados à literatura brasileira (cf. FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, [2005]). Mais recentemente, lembremos da jornada “Literatura brasileira em Portugal: travessias”, realizada em 2015, também na FLUP, em parceria com a Universidade Federal de Viçosa e a Universidade Federal de Goiás, da qual resultou o volume intitulado *Estudos de literatura brasileira em Portugal: travessias* (2016), publicado pelo Centro de Investigação Transdisciplinar, Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) em parceria com as Edições Afrontamento.

Anteriormente, a partir da década de 1930, ocorreu um momento de intensa relação entre os dois países por meio do deslocamento de intelectuais portugueses para o Brasil, fenômeno que Antonio Candido, no prefácio da obra *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas* (2003), nomeou de “missão portuguesa”. No referido texto, o autor explica a utilização do termo “missão” para os “grupos de professores estrangeiros que vieram contratados para inaugurar o ensino de matérias até então inexistentes em nível superior, ou renovar o de outras que, no currículo das velhas escolas, estavam ligadas ao intuito prático de formar profissionais liberais” (CANDIDO, 2003, p. 15). O crítico propõe que, em função da atuação intelectual desses portugueses, pela qualidade do trabalho que desenvolveram no Brasil ou pelas áreas que dinamizaram ou criaram, essa contribuição, globalmente, pode ser entendida como uma “missão”.

Nesse contexto, entretanto, a vinda desses intelectuais portugueses para o Brasil foi menos voluntária. O cenário político de Portugal, qual seja, o período do Estado Novo (1933-1974), acabou por forçar a saída de muitos intelectuais do país, intelectuais estes que, em razão da censura política, foram impedidos de exercer suas atividades profissionais. Deslocaram-se ao Brasil, nesse período, Jorge de Sena, Jaime Cortesão, Miguel Urbano Rodrigues e Adolfo Casais Monteiro.

Autor do “Segundo Modernismo Português”, movimento literário organizado em torno da revista coimbrã *Presença*, Casais Monteiro nasceu no Porto em 1908, onde cursou os estudos primários, secundários e superiores, concluindo em 1928, o curso de Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras. Teve como mestre Leonardo Coimbra, com quem, no mesmo ano – juntamente com Sant’anna Dionísio – compôs, em sua quarta série, a direção da revista *A Águia*. Figura central da poesia e da crítica literária do século XX, foi também professor e ensaísta, tendo desempenhado um papel relevante para a cultura brasileira, tanto por meio de suas publicações – como as que escreveu em colaboração para os jornais brasileiros *Portugal Democrático* e *O Estado de S. Paulo* – como por meio do diálogo que manteve com os escritores brasileiros, primeiramente quando ainda estava em Portugal atuando na direção da revista *Presença* e, depois, a partir de 1954, com seu exílio no Brasil, até 1972, ano de sua morte.

Além de sua intensa colaboração para o jornal *O Estado de S. Paulo*, no qual coordenou por mais de uma década o “Suplemento Literário”, e para o *Portugal Democrático*, desde seu surgimento, em 1956, até 1963, Casais Monteiro procurou promover o diálogo entre a cultura e a literatura dos dois países tanto em sua atuação como professor universitário na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara quanto nos cursos, na área de literatura, que ministrou em outras instituições, como a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo e a Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro.

Mais recentemente, em contexto de democracia política em Portugal, Arnaldo Saraiva, Professor Emérito da Universidade do Porto, também se dedicou à causa da literatura brasileira. Realizou pesquisas sobre o cordel brasileiro, as literaturas orais e marginais e sobre a defesa das relações entre as literaturas brasileira e portuguesa durante o período literário Modernista, contrariando a tese de que, nesse momento, teria se dado a ruptura entre as

duas literaturas. Essa defesa pode ser verificada em sua tese de doutorado, defendida no Porto em 1985 e publicada, logo em seguida, em Portugal, sob o título *Modernismo brasileiro e Modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações* (1986). A obra foi lançada no Brasil apenas em 2004. Nesse trabalho, estão reunidos documentos dispersos e, até então, inéditos, que evidenciam as relações entre os autores e a literatura modernista dos dois países.

Arnaldo Saraiva, professor, poeta, crítico e ensaísta português, nasceu em Covilhã, em 1939. Licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa e doutorou-se no Porto, onde foi professor de Literatura Portuguesa (1970-1974); de Literatura Brasileira (1972-1975); de Literatura Brasileira e Literaturas Orais e/ou Marginais (1974-1976) – esta última criada por sua iniciativa. Foi leitor de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade da Califórnia e professor convidado da Universidade de Paris III. Tem vários livros sobre a literatura brasileira publicados em diferentes países e, atualmente, é Professor Emérito da Universidade do Porto e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (cf. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2009) – tendo recebido do Governo Brasileiro, em 2002, a Ordem do Rio Branco, no grau de Cavaleiro, pelos serviços excepcionais prestados à causa da literatura do Brasil (Cf. SARAIVA, 2002, p. 80).

Sua publicação de maior contribuição à literatura brasileira, segundo o próprio estudioso, foi a revista *Terceira Margem*, filiada ao Centro de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que conta com cinco números publicados entre 1998 e 2004. A iniciativa, segundo Saraiva (1999, p. 69), foi saudada pela imprensa portuguesa (*Expresso*, *Jornal de Letras* e *Jornal do Fundão*) e pela brasileira (*O Globo* e o *Jornal do Comércio*, RJ). A revista destacou-se pela colaboração de excelentes pesquisadores de diferentes instituições, pelas informações sobre eventos científicos, notícias de interesses de Portugal e do Brasil e por textos inéditos de escritores brasileiros contemporâneos, como João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Armando Freitas Filho, Caetano Veloso, Luis Fernando Verissimo, Ivan Junqueira, Alexei Bueno, Nelson Ascher, Antônio Torres e Bernardo Carvalho. A importância desse periódico foi tema do artigo “Literatura brasileira em Portugal: a Revista *Terceira Margem*”, publicado no número 57, da revista *Brasil/Brazil* (2018).

Importantes estudos refletiram sobre as contribuições para a cultura local dos intelectuais portugueses antissalazaristas exilados no Brasil, como foi o caso de Adolfo Casais Monteiro. Por exemplo, o volume publicado em 2000 pela Editora Universidade de Brasília, *Depois das Caravelas: as relações entre Portugal e Brasil (1808-2000)*, cujo enfoque são os últimos duzentos anos – com destaque para o período compreendido entre as comemorações do “IV Centenário do Descobrimento” (1900) e a Revolução de Abril de 1974 em Portugal que, segundo os autores, foi marcado pelo reencontro político entre os dois países – é uma referência para os estudos das relações bilaterais Brasil-Portugal.

Em 2002 e 2003, foram publicadas, respectivamente, as obras *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira: depoimentos e estudos* e *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*, ambas pela editora UNESP. Verifica-se, também, a relevância desses intelectuais nos trabalhos desenvolvidos em Programas de Pós-graduação no Brasil, como a dissertação, defendida em 2000, de Douglas Mansur da Silva. Intitulado *A ética da resistência: os exilados anti-salazaristas do ‘Portugal Democrático’ (1956-1975)*, o trabalho descreve e analisa a formação e a atuação, nos campos cultural e político, de um núcleo de exilados portugueses, opositores ao regime salazarista, reunidos em torno do jornal *Portugal Democrático*, nos anos de 1956-1975. Do mesmo estudioso é a tese de doutorado “*Intelectuais portugueses exilados no Brasil: formação e transferência cultural, século XX*”, defendida em 2007, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O autor analisa, entre outros aspectos, o processo de transferência cultural e os projetos dos intelectuais portugueses para o Brasil durante o regime autoritário português do século XX (1926-1974).

2 Adolfo Casais Monteiro

Mesmo antes de se deslocar para o Brasil, Casais Monteiro mantinha uma relação de proximidade com as literaturas e com os escritores brasileiros. Esse assunto foi tema da recente dissertação intitulada *Adolfo Casais Monteiro e a literatura brasileira em Portugal* (2019), defendida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Como já foi informado, em 1931, ao integrar a direção da revista *Presença*, Monteiro iniciou correspondência com Ribeiro Couto e contato com outros

escritores do Modernismo Brasileiro, como Mário de Andrade. Em 1938, publicou um ensaio sobre a poesia de Manuel Bandeira na *Revista de Portugal* o qual, em 1943, é relançado pela Editorial Inquérito, acompanhado de uma antologia, com o título *Manuel Bandeira: estudo de sua obra poética*. Seu trabalho crítico estreia no livro *Considerações Pessoais*, de 1933. Mas é no Brasil que esse trabalho se desenvolve, em quantidade e em qualidade, tornando-se, como destacou Leone (2005, p. 8), “um dos raros intelectuais com relevo na primeira metade do século XX português a efectuar com sucesso a transição de um meio não-especializado (a imprensa e o mundo editorial) para o sistema universitário [...]”. Segundo Nádía Gotlib (1984),

o ‘arejamento’ cultural de Casais Monteiro formara-se [...] pelos contactos com a literatura brasileira, intensificada na segunda fase da revista [*Presença*], dos números 28 a 44, de Agosto de 1930 a Abril de 1935, quando recebe contribuições de Ribeiro Couto, Cecília Meireles, Jorge de Lima. A aproximação com os poetas do Brasil data igualmente desta fase (GOTLIB, 1984, p. 78).

De acordo com Gotlib (1984, p.78), Monteiro foi quem mais trabalhou nessa aproximação, que tendeu a se intensificar na década de 1930, “como halo compensatório para um sistema cultural repressivo em Portugal, conforme testemunho do próprio Casais Monteiro”. Para o crítico português, a literatura brasileira constituiu-se, a partir de 1930, como um apoio para os escritores do outro lado do Atlântico que se debatiam contra o isolacionismo cultural e político ao qual a ditadura se empenhava – conformando-se, assim, como a causa do desconhecimento das literaturas entre os dois países.

Em 1936, publicou um artigo no jornal literário *O Diabo*, de Lisboa, cujo título “Para um verdadeiro intercâmbio cultural luso-brasileiro” é sintomático de seu interesse pelo estabelecimento de uma verdadeira relação cultural entre os dois países. Neste, Monteiro aponta a importância do estabelecimento de relações intelectuais entre Portugal e Brasil ao mesmo tempo em que classifica esse mesmo fenômeno – observado na década de 1930 – como “estranho”, pelo fato de que, apesar de iniciativas terem sido apregoadas, “ao fim e ao cabo de tanto discurso, de tanto reclame, averigua-se que tudo está na mesma e que se mantém tal qual anteriormente o isolamento dos dois povos” (1936, p. 1). Nesse sentido, defende, entre outras ações, uma tomada de iniciativa que partisse dos próprios intelectuais,

que não deveriam perder de vista a promoção de uma compreensão mútua entre os dois países:

antes de mais se reclama a intervenção daqueles que estabelecem o contato entre o público e a literatura que este ignora: críticos e jornalistas. Sem ela, sem o interesse, sem a intervenção destes “médiuns da cultura”, qualquer iniciativa cultural é inútil. Oficial ou particularmente não podemos esquecer a importância que poderia ter uma ação propriamente pedagógica: criação de cursos nos quais, em cada um dos países eminentes do outro viessem periodicamente falar sobre a história, a cultura, as artes e as letras etc. [...]. É evidente que esta ação só poderia ter completa eficiência quando apoiada pela primordial e já atrás indicada, a qual compete àqueles que em livros e jornais, por meio de ensaios, de críticas, de artigos de caráter jornalístico, contatam diretamente o público (MONTEIRO, 1936, p. 1).

Neste artigo, Casais Monteiro sugere uma maior atuação por parte de críticos e jornalistas – que por meio de ensaios, críticas e artigos de caráter jornalístico, deveriam promover a ligação entre o público e a literatura – bem como a criação de cursos nos dois países, nos quais um promoveria estudos e discussões sobre a história, a cultura, as artes e as letras do outro. Na sequência, o autor evidencia que o esforço dos estudiosos que se dedicavam a promover a aproximação intelectual luso-brasileira não basta: igualmente necessário é o apoio editorial de revistas e jornais no sentido de coordenar as atividades dispersas.

Seu interesse pelo intercâmbio cultural entre os dois países fica evidente pela recorrência da temática em seus escritos. No artigo “A grande hipocrisia da comunidade”,¹ Casais Monteiro denuncia a impossibilidade das trocas culturais luso-brasileiras, uma vez que “entre uma democracia e uma ditadura as trocas são impossíveis, porque esta só quer saber de prolongar deste lado do Atlântico [Brasil] a mentira em que se baseia, lá [Portugal], todo o edifício” (MONTEIRO *apud* LEITE, 2012, p. 267).

Considerando cultura e ditadura termos antitéticos, Casais critica profundamente o governo português – interessado apenas no intercâmbio de “títulos universitários, salamaleques acadêmicos, e de discursos”

¹ O referido artigo foi publicado no *Jornal da Bahia*, em 1959, por ocasião da realização do “IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros”, ocorrido em Salvador e reproduzido no *Portugal Democrático*, também em 1959.

(MONTEIRO *apud* LEITE, 2012, p. 267). O que Casais defende, ao longo de toda sua argumentação, é a liberdade como condição essencial à autêntica cultura – aquela não tutelada ou dirigida por um governo –, assumindo, assim, a postura do intelectual ligado à sua classe e envolvido incondicionalmente na defesa da liberdade do ensino e da cultura.

Segundo Leyla Perrone-Moisés (2003, p. 58), apesar das polêmicas ocasionais, Casais Monteiro foi bem recebido e assimilado pelos colegas brasileiros e com seus ensaios sobre literatura e crítica enriqueceu o contexto literário do Brasil que, apesar de contar com críticos notáveis, era carente de pensamento teórico. A autora cita, ainda, as palavras de Antonio Candido em declaração a respeito da vinda de Casais para o Brasil: “ganhamos para sempre um incomparável colega e amigo, que se identificou conosco sem nada perder da sua personalidade solidamente portuguesa, e que nos veio trazer uma contribuição como poucas para o debate crítico, na Universidade e fora dela” (CANDIDO *apud* PERRONE-MOISÉS, 2003, p. 58).

A respeito do legado de Monteiro, Douglas Mansur Silva (2007, p.276) observou que, no Brasil, Adolfo Casais Monteiro pôde exercer a profissão que aspirava em Portugal, “sem o crivo da censura”, e ajudou a consolidar os estudos de crítica literária e língua portuguesa nas universidades paulistas. O inventário e a avaliação global dos textos de Casais Monteiro sobre a cultura e a literatura brasileiras produzidos em Portugal ainda não foram suficientemente realizados. A dissertação *Adolfo Casais Monteiro e a literatura brasileira em Portugal (1932-1954)*, por exemplo, ocupou-se de alguns dos primeiros textos de incidência brasileira, publicados pelo autor português em prestigiados órgãos da imprensa literária, e também dos estudos iniciais do crítico dedicados aos escritores brasileiros Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, José Lins do Rego e Jorge Amado – alguns dos quais posteriormente reproduzidos e prolongados em livros.

Casais Monteiro não se fechou às questões de seu tempo e sempre se manteve atento e atuante em relação à realidade política e social que tomava conta do mundo: é preciso lembrar que o escritor viveu no contexto da ascensão dos regimes totalitários na Europa e no Brasil; das duas Guerras Mundiais e da Guerra Fria. Foi, ele próprio, vítima da censura no regime salazarista em Portugal – impedido de lecionar e de dirigir qualquer publicação em 1937 – e preso, em 1949, após publicar um artigo no jornal *República*. Defendia a liberdade como condição essencial à cultura e à

atuação de intelectuais ligados não a um governo, mas às dinâmicas sociais e políticas de seu tempo.

3 Arnaldo Saraiva

O contato e a relação de Arnaldo Saraiva com a literatura brasileira é descrita, por ele mesmo, como sendo misteriosa (cf. SARAIVA *apud* BOCHICCHIO, 2011), uma vez que o escritor nasceu numa aldeia relativamente isolada onde não havia imigrantes e tampouco “brasileiros” – nem mesmo os de torna-viagem, cuja presença era expressiva em cidades do norte de Portugal como, por exemplo, no Porto. Seu primeiro contato com as letras brasileiras foi por meio de participação em uma peça, como podemos ler numa entrevista concedida pelo autor a Maria Bochicchio, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto:

lembro-me que aí pelos 13-14 anos, um padre que nunca tinha saído da Beira me pôs numa peça popular, a cantar com sotaque brasileiro a parte que me coube no dueto do ‘Chico Mariê, Chico Mariá’ (‘Esta gente linguaruda não mi deixa sossegá’). E creio que foi nessa altura que me dei conta que gostava mais do sotaque brasileiro que do português. E, portanto, nasceu aí o fascínio (SARAIVA *apud* BOCHICCHIO, 2011, p. 541-42).

Mais tarde, em 1960, foi um poema de Carlos Drummond de Andrade, “A Flor e a Náusea” – o qual conheceu no primeiro ano da faculdade, traduzido para o francês e numa antologia (cf. TAVARES-BASTOS, 1954) –, e, sobretudo, o próprio Drummond, que o levaria a deslocar-se ao Brasil, onde realizaria pesquisa para sua tese de licenciatura, *Carlos Drummond de Andrade: do berço ao livro*, sob a orientação de Vitorino Nemésio. Recentemente, Saraiva publicou o livro intitulado *Carlos Drummond de Andrade: uma pedra (preciosa) no meio do (meu) caminho* (2019), no qual relata seus primeiros contatos com a obra de Drummond e a amizade que teve com o poeta.

A respeito de sua entrada para a Faculdade de Letras de Lisboa – onde cursou Filologia Românica – e de sua inclinação para o trabalho com a linguagem, Maria Bochicchio (2011, p. 533) afirma que “tendo [ele] já colaborado em jornais de província e sido jornalista do *Jornal do Fundão*, foi o gosto cultural e verbal que o levou para a Faculdade de Letras de

Lisboa”, sendo a universidade um local que lhe permitiu muito mais do que uma formação acadêmica ou profissional. Em Lisboa, a capital do país,

conviveu com algumas das figuras mais marcantes do meio literário da época. Nessa galeria ilustre, avultam os nomes de Herberto Helder, António Ramos Rosa, Ruy Belo, Virgílio Ferreira, e os de alguns dos seus professores, como David Mourão Ferreira, Jacinto do Prado Coelho e Vitorino Nemésio, que orientou a sua tese de licenciatura sobre Carlos Drummond de Andrade. O trabalho sobre o poeta mineiro [...] era apenas o primeiro resultado de um interesse crescente pela literatura brasileira que em 1965 o levava ao Rio de Janeiro para aprofundar os seus conhecimentos. [...] outras cidades estrangeiras iriam marcar o seu percurso cultural e académico: passaria por Paris, onde estudou com Roland Barthes, Gérard Genette, Greimas, Todorov ou Francastel, [...] também por Urbino, onde aprofundou os seus estudos de Semiótica e Linguística sob orientação de Umberto Eco, Cesare Segre, Jean-François Lyotard, Bernard Pottier e Mihai Pop, entre outros (BOCHICCHIO, 2011, p. 533).

Aliás, foi expressiva sua colaboração para o *Jornal do Fundão*, emblema da resistência antissalazarista, tendo sido convidado pelo próprio diretor a colaborar com a publicação e, depois, solicitado a levar João Cabral de Melo Neto ao jornal, feito que conseguiu cumprir. Em seu trabalho de doutoramento – hoje uma referência fundamental para os estudos sobre o Modernismo – intitulado *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações* (1986), Arnaldo Saraiva reúne um conjunto de documentos inéditos de escritores dos dois lados do Atlântico. Esses documentos revelam-se fundamentais para o conhecimento dos dois Modernismos e das relações entre eles. Além disso, reúne também um conjunto de documentos dispersos de incidência crítica – textos de brasileiros relacionados com a literatura portuguesa e de portugueses relacionados com a literatura brasileira – publicados ao longo das décadas de 1910 e 1920. Apresenta um vasto estudo sobre as convergências e divergências – por exemplo, a questão da ortografia e das revistas luso-brasileiras – bem como sobre as confluências e influências nas relações literárias e culturais entre os escritores dos dois países, questões patentes, nomeadamente, em seus textos “Fernando Pessoa e a influência de (e sobre) brasileiros” (1986) e “O ‘jeito de Portugal’ do poeta Manuel

Bandeira” (1986), ambos publicados em sua tese *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*.

Ainda hoje nota-se certo desconhecimento sobre a referida tese *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações* (1986), obra publicada no Brasil, conforme já mencionado, apenas em 2004, ou seja, cerca de 18 anos após sua publicação em Portugal. Arnaldo Saraiva, instigado pela ideia defendida, até então, de que os dois modernismos teriam se constituído como um momento literário de ruptura definitiva entre os dois lados do Atlântico, realiza sua pesquisa com o intuito de evidenciar o contrário e, para tanto, reúne cartas e documentos que comprovam que havia, de fato, um diálogo entre os autores modernistas brasileiros e portugueses. Sua pesquisa discorda do que escreveu Antonio Candido no capítulo “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”, que integra seu *Literatura e Sociedade*, cuja primeira edição é de 1965. Neste, o autor propõe que, no contexto do Modernismo, o Brasil

já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. [...], a velha mãe pátria deixara de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado. O particularismo se afirma agora contra todo academicismo, inclusive o de casa, que se consolidara no primeiro quartel do século XX, quando chegaram ao máximo o amaciamento do diálogo e a consequente atenuação da rebeldia (CANDIDO, 2006, p. 119-20).

Em 1998, em entrevista concedida a Arnaldo Saraiva, ao ser questionado sobre seu interesse pelos escritores portugueses Candido respondeu que foi sempre “grande leitor dos autores portugueses” (2019, p. 116) e destacou uma nota que escreveu sobre Fernando Pessoa, em 1944, “quando as edições timbradas pelo Pégaso de Luís de Montalvor o revelaram ao Brasil, onde exerceu dos anos 1940 em diante uma das maiores influências já registradas em nossa literatura” (CANDIDO *apud* SARAIVA, 2019, p. 117).

O interesse pela literatura e cultura brasileiras levou Saraiva a dedicar-se a sua divulgação em Portugal. Em entrevista publicada na Revista *Gláuks* (2016), esclareceu o contexto em que surgiu a ideia de editar uma revista dedicada à literatura brasileira:

Quando desapareceram os suplementos literários dos jornais e a diplomacia brasileira se desinteressou da promoção cultural em Portugal, que no início dos anos 60 tanto mobilizou o secretário de embaixada de Lisboa Alberto da Costa e Silva, achei que se impunha no país dito irmão do Brasil a publicação de uma revista dedicada especialmente a obras e autores brasileiros. Mas só em 1998, com um pequeno apoio da minha Faculdade de Letras, tive a possibilidade de editar a *Terceira Margem* (SARAIVA, 2016, p. 336).

No ensaio “Os estudos de literatura brasileira nas universidades portuguesas”, publicado na Revista *Terceira Margem* em 1999, o autor apresenta um panorama histórico dos estudos de literatura brasileira nas universidades portuguesas, uma relação de nomes de professores que se dedicaram ou ainda se dedicavam ao seu ensino, bem como as dissertações de mestrado e teses de doutoramento defendidas na área de literatura brasileira.

Como é frequente em muitos ensaios de Saraiva, observa-se a defesa da presença da literatura brasileira no sentido de evidenciar a importância de seu conhecimento em Portugal. O autor aponta, também, para a necessidade da adoção de medidas, por parte das universidades – tais como a obrigatoriedade da cadeira de Literatura Brasileira para os cursos nos quais fosse “optativa” –, além de um maior empenho dos editores, agentes culturais, entre outros, na promoção e divulgação dessa literatura. Nota-se que a cobrança por uma atuação mais efetiva de editores e de agentes culturais na promoção da literatura também já estava presente, muito antes, nos escritos de Adolfo Casais Monteiro; nomeadamente no já citado artigo “Para um verdadeiro intercâmbio cultural luso-brasileiro”, publicado em 1936, em Lisboa.

A respeito do ensino de literatura brasileira em Portugal, também Abel Barros Baptista, professor de literatura brasileira da Universidade Nova de Lisboa, relata as dificuldades iniciais para seu efetivo funcionamento, afirmando que

fundada a custo e mantida a custo, [a cadeira de literatura brasileira] praticamente não se desenvolveu; dispõe de poucos professores especializados, são raros os doutoramentos e os cursos de pós-graduação, mais raros ainda os jovens investigadores interessados em prosseguir estudos de especialização (BAPTISTA, 2005, p. 21).

Ainda para Abel Barros, outro importante aspecto a se considerar, tendo em conta as “peripécias da fundação” dessa disciplina, relaciona-se com o

pouco ou nenhum interesse do governo e das instituições do Brasil em apoiar os estudos literários brasileiros em Portugal; não existe tradição de colocação regular de professores brasileiros visitantes, nem programas especiais de incentivo à investigação; e só recentemente uma iniciativa como a cátedra Jorge de Sena, criada em 1999, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, permitiu estabelecer uma base regular de intercâmbio de especialistas portugueses e brasileiros (BAPTISTA, 2005, p. 21).

Em “Uma visão geral e parcial da ‘literatura brasileira’” publicado no volume *Estudos de Literatura Brasileira em Portugal: travessias*, Arnaldo Saraiva denunciou que além do pouco ou quase nenhum apoio dos governos brasileiros, “hoje mandam para Portugal embaixadores e cônsules culturalmente ignorantes ou só preocupados com a economia e o mercado” (SARAIVA, 2016, p. 22). Anteriormente, no artigo “A poesia brasileira em Portugal”, publicado na revista *Terceira Margem* (cf. SARAIVA, 2002), abordou alguns aspectos que envolvem a presença da literatura brasileira do outro lado do Atlântico ao longo do século XX, nomeadamente: suas fases, as revistas luso-brasileiras, as antologias publicadas, os poetas editados em Portugal e os de maior sucesso ou influência, além de críticos portugueses que se dedicaram a autores do Brasil. Durante séculos, os poetas brasileiros foram mais conhecidos em Portugal e as razões apontadas no artigo são: o fato de esses poetas terem nascido em Portugal, ou ido viver e estudar em terras lusas, ou, ainda, pelo fato de terem suas obras editadas do lado de lá.

De acordo com Saraiva, as décadas mais favoráveis à literatura brasileira em Portugal foram as de 1930, de 1960 e 1990. A década de 1930, devido ao grande número de revistas literárias que divulgavam as obras recentes da época. Com relação a esse período, o autor destaca a ação do próprio Casais Monteiro que, nos números da revista *Presença* produzidos entre 1937-1940, publicou notícias e críticas sobre obras brasileiras, além de poemas. Na década de 1960, a literatura brasileira conheceu “momentos eufóricos” em Portugal graças à ação do diplomata Alberto da Costa e Silva e ao Centro Brasileiro do Livro, que exibia em livrarias várias obras brasileiras. Em 1990, por sua vez, com o ensino dessa literatura em várias universidades,

houve o aumento do interesse de vários editores pelas obras brasileiras e a ocorrência de colóquios internacionais – principalmente por ocasião das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil.

A poesia brasileira se fez presente também nas inúmeras revistas de cultura e de literatura publicadas no século XX, tais como *A Águia* (1910-1923); *Orpheu* (1915-1916); *Atlântida* (1915-1920), dirigida pelo português João de Barros e pelo brasileiro João do Rio; *Atlântico* (1942-1950), também com direção luso-brasileira de António Ferro e de Lourival Fontes; *Colóquio* ou *Colóquio de Letras* (1959 até hoje) e *Terceira Margem*, que, na ocasião da publicação do artigo de Saraiva, contava com apenas dois números (1998-1999).

Saraiva faz um levantamento de antologias exclusivamente dedicadas à poesia brasileira, publicadas desde meados do século XX, bem como de alguns poetas brasileiros editados em Portugal e conclui o ensaio afirmando que a edição e a circulação de obras poéticas do Brasil em Portugal é insatisfatória, sobretudo se considerarmos a afinidade linguística dos dois países, um fator que contaria a favor de sua maior circulação. Reitera, ainda, a importância da presença da poesia brasileira em Portugal, argumentando que se a literatura brasileira do século XIX ainda era marcada por modelos portugueses, no século XX é ela que passa a marcar a poesia portuguesa, principalmente pelo aspecto inventivo e pela desenvoltura linguística (SARAIVA, 2002, p. 14). Aliás, para Saraiva, imaginativa e variada é a literatura oral e popular brasileira, tema sobre o qual vem se debruçando há algumas décadas. Em suas palavras, o Brasil tem

ainda hoje uma expressão e uma vitalidade impressionantes, sobretudo no Nordeste dos folhetos de cordel, das frases de caminhão, e das cantorias ou dos repentes. [...]. A pujança ou a criatividade da chamada literatura popular e oral no Brasil contaminou a literatura culta (por exemplo: Manuel Bandeira, Jorge Amado, João Cabral, João Guimarães Rosa, Ariano Suassuna...), com uma frequência e uma fecundidade, até no plano linguístico, que não vemos noutras literaturas [...] (SARAIVA, 2016, p. 21).

Foi graças ao interesse e empenho desse estudioso das literaturas orais e marginal(izadas) que se criou, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, logo após a Revolução de Abril, a cadeira de Literaturas Oraís e Marginais. Além disso, Saraiva publicou, em 1975, o volume *Literatura*

Marginal/izada – no qual aborda a literatura de cordel –, que conta com uma segunda edição publicada em 1980. Como colecionador de cordel, realizou exposições em diferentes lugares do Brasil. Por ocasião daquela realizada, em 2014, na Fundação Casa de Rui Barbosa, foi dito que sua coleção particular possui exemplares impressos “desde primórdios do século XVII até a extinção dessa forma de expressão em Portugal, na segunda metade do século XX, muitos deles exemplares únicos. Sua coleção de folhetos brasileiros, da maior importância, reúne igualmente milhares de exemplares” (BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ, 2014).

Em seu “A causa da literatura brasileira em Portugal”, pronunciamento de Saraiva na abertura do III Congresso Português de Literatura Brasileira, realizado na FLUP em 2003, o autor destaca a relação privilegiada do Porto com o Brasil e com a cultura e literatura brasileiras, citando nomes de autores portuenses que viveram no Brasil, como Adolfo Casais Monteiro, e de autores brasileiros que se inspiraram no Porto, como João do Rio, Cecília Meireles e Lygia Fagundes Telles (SARAIVA, 2003). Uma vez mais, Arnaldo Saraiva destaca a importância da presença da literatura brasileira em Portugal, dado que:

se nunca como hoje houve tantos brasileiros em Portugal (fala-se em 80 mil, ou em 100 mil), se nunca como hoje houve tantos portugueses a viajar para o Brasil (e já não como emigrantes pobres, mas como turistas, ou até como trabalhadores qualificados e como empresários), bom seria que se concedesse mais dignidade ou mais espaço à cultura e à literatura brasileiras tanto nas universidades como nos media, que de modo algum correspondem ao esforço de estudiosos e de editores [...]. (SARAIVA, 2003, p. 8-9).

Certo “das vantagens do seu [da literatura brasileira] diálogo permanente com a literatura portuguesa, tanto nas semelhanças quanto nas diferenças, tanto nas imitações quanto nas rupturas [...]” (SARAIVA, 2003, p. 9), o autor conclui seu pronunciamento defendendo a entrada e a circulação dessa literatura em terras lusas que poderia gerar benefícios, tanto para o Brasil quanto para Portugal, por meio do enriquecimento de vocabulário, do desenvolvimento de capacidades expressivas e do estímulo da imaginação e da criatividade. Como destaca, “a causa da literatura brasileira será sempre uma causa da literatura em português, uma causa da língua portuguesa – uma causa de Portugal” (SARAIVA, 2003, p. 9).

No ensaio “Portugal, meu avozinho (O abraileiramento português)”, cujo título remete ao poema de Manuel Bandeira, Saraiva (2004, p. 7) focaliza o diálogo luso-brasileiro a partir do espaço português, mencionando a história e a língua partilhadas, mas também as telenovelas – que promoviam a familiarização dos portugueses com as “gentes, costumes, paisagens e também sotaques e gírias brasileiras” (2004, p. 7) –, além do fluxo migratório entre os dois países. Questões que talvez sejam suficientes para explicar o abraileiramento em Portugal. Nesse contexto, tratava-se de um abraileiramento que se notava

Na língua quotidiana, onde entraram ou já se popularizaram abraileirismos de vários tipos – lexicais, semânticos, sintáticos, sintagmáticos, como *bagunça*, [...], *capanga*, *besteira*, *caçula*, *gandula*, *cadê* [...]; a influência brasileira até já vem determinando a [...] prática comum de erros que se tornaram norma no Brasil: há anos atrás, o livro que eu gosto...(SARAIVA, 2004, p.8).

Mas o abraileiramento, para além dos aspectos linguísticos, era notado também nas preferências artísticas, musicais, culinárias, em estilos futebolísticos, entre outros. Para Saraiva, a influência brasileira em Portugal – não no sentido de subserviência ou com ausência de espírito crítico – resultaria em mais benefícios para a cultura portuguesa: com “o Brasil actual pode Portugal aprender alguma coisa que é coerente [...] com o que ensinou e tinha esquecido ou desprezado – por exemplo, o gosto da aventura, o trabalho da imaginação, a arte de viver em circunstâncias excepcionalmente precárias” (SARAIVA, 2004, p. 9).

A despeito do fato de reconhecermos a presença de lugares-comuns – e até mesmo problemáticos – no que diz respeito ao modo como o autor vê a relação entre Brasil e Portugal, esse texto nos parece interessante por abordar a assimilação de aspectos da cultura popular brasileira pelos portugueses, a qual foi promovida principalmente pelos meios de comunicação e facilitada pela língua portuguesa em comum. Além disso, interessa-nos o fato de Saraiva chamar a atenção para a importância que têm os brasileiros na promoção e no prestígio da língua portuguesa internacionalmente.

Nos últimos anos, as discussões em torno das políticas linguísticas e relativas à possibilidade de a Língua Portuguesa se tornar uma das línguas oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU) ganharam visibilidade. A ONU, que atualmente possui seis línguas oficiais – castelhano, inglês,

mandarim, russo, francês e árabe –, poderá acrescer o português à lista pelo fato de António Guterres, diplomata português, ter sido indicado pelo Conselho de Segurança da ONU para o mais alto cargo – o de secretário-geral das Nações Unidas –, conforme indicam notícias da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa/CPLP (cf. COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2016).

4 Afinidades entre o Modernismo brasileiro e o Modernismo português

Ambos os estudiosos defenderam as afinidades entre o Modernismo brasileiro e português e, segundo o próprio Saraiva, em seu *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português* (2004), Casais Monteiro teria sido quem mais longe chegou nas análises das afinidades e divergências dos dois movimentos. Apresentando uma leitura do artigo “Modernismo português e brasileiro” (2004), de Casais Monteiro,² Saraiva destaca as defesas daquele, de forma sucinta, apresentando paralelamente, as dificuldades que se impunham a um estudo comparativo dessa natureza:

Depois de assinalar as dificuldades do seu estudo comparativo por falta de ‘pontos prévios de apoio’, pelo fato de ter de se trabalhar com o vago conceito de ‘nacional’, e pelas discussões abertas sobre o significado que o Modernismo emprestava a noções como a de cosmopolitismo e de tradição, Casais Monteiro defendeu que o Modernismo brasileiro teve um âmbito mais largo do que o português, até porque se tornou vitorioso, enquanto o segundo ficou ‘mergulhado num poço’ individual, sem possibilidade de ação imediata sobre a consciência nacional; que o Modernismo brasileiro conheceu uma ‘vitalidade interna’ (diversidade de manifestações, proliferação de tendências, penetração em espaços do interior ou da província) que o português não teve, [...]; que o Modernismo brasileiro se interessou pelo regionalismo, ao contrário do português, que lutou ‘contra o saudosismo e o regionalismo literário’; que o Modernismo brasileiro foi menos profundo do que o português, preocupado com a visão ou invenção de um mundo interior à falta de um mundo exterior a descobrir (SARAIVA, 2004, p. 261-262).

Em seu texto, Casais Monteiro situa os pontos de convergência entre os modernismos para além do fato da nacionalidade dos dois diretores

² Comunicação apresentada em 1959, no “IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros” em Salvador.

da revista *Orpheu* – o brasileiro Ronald de Carvalho e o português Luiz de Montalvor, considerados “não modernistas” – uma vez que ambos os modernismos objetivavam libertar-se dos códigos literários do passado, revitalizando a língua; o que não se verificava na comparação entre a apresentação do primeiro número da revista e o conjunto de textos dos dois números publicados. Ainda segundo Monteiro, o fato mesmo de ambos terem sido substituídos, no número 2, por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, constitui uma prova de que a *Orpheu* não teria sido modernista ao ter sido realizada por Ronald de Carvalho e Luiz de Montalvor.

Ultrapassando essa questão especulativa da coincidência de *Orpheu* ter surgido do entendimento luso-brasileiro e, também, da redução que seria focar em questões como o que ‘veio de fora’ e o que ‘é só nosso’, Casais Monteiro finaliza seu texto enfatizando a verdadeira lição proporcionada pelos dois modernismos, ressaltando o universalismo de ambos os movimentos pelo abandono das fórmulas em prol da criação literária, sem deixar de destacar diferenças de contextos entre os dois países:

os modernismos brasileiro e português realizam simultaneamente um movimento de integração pela cultura ingressando num momento universal, e a integração pelo aprofundamento humano no indivíduo, que (no caso brasileiro) sobretudo pela descoberta da vida em expansão, como sociedade em movimento, que (no caso português) sobretudo pela visão em profundidade do homem, pela experiência interior. Em ambos os casos, univocamente: um esforço de libertação do autenticamente humano, pela superação das fórmulas, uma conquista de território humano para a criação literária, uma aproximação entre a literatura e a vida, embora expressão em polos opostos, por força da situação diversa em que a experiência brasileira e a portuguesa se realizam, ao ter lugar na grande revolução literária do nosso século (MONTEIRO *apud* LEITE, 2012, p. 150).

Em “Uma visão geral e parcial da ‘literatura brasileira’”, Saraiva critica os esforços da historiografia literária empenhada em enfatizar a diferença nacional da literatura brasileira: na opinião do estudioso, a crítica e os historiadores deveriam se preocupar mais “com a sua dimensão estética e universal, com o seu interesse humano e internacional” (SARAIVA, 2016 p.19). Afirma, ainda, em seu discurso de abertura ao “II Congresso Português de Literatura Brasileira”, publicado nos anais sob o título “Literatura brasileira em questão”, sua posição em relação aos nacionalismos em literatura:

uma literatura, a literatura, é de quem a lê. O nacionalista coerente até deveria apreciar a partilha autoral ou textual. Ninguém pode tirar a um português o prazer de ler no original Machado de Assis, Drummond, Guimarães Rosa, ou tirar a um brasileiro o prazer de ler no original Camões, Eça, Pessoa. (SARAIVA, 2000, p. 13).

Na esteira de importantes personalidades da cultura e das Letras que, como Pessoa, defenderam o conhecimento mútuo dos dois países e o “estreitamento de inteligências” – como forma de promover um “verdadeiro intercâmbio” entre Brasil e Portugal e combater os preconceitos que ainda existem acerca das relações luso-brasileiras –, Adolfo Casais Monteiro e Arnaldo Saraiva, intelectuais empenhados na divulgação da literatura brasileira e com atuações e intervenções diversas, fazem repercutir de forma expressiva a literatura e cultura brasileiras. Reconhecemos a necessidade de o Brasil, em determinadas circunstâncias históricas, realçar a autonomia de sua cultura frente a Portugal e, além disso, sabemos que a aproximação entre as culturas portuguesa e brasileira também foi feita de conflitos. Por isso mesmo, é preciso estar atento e destacar que ser a favor das relações culturais entre os dois países não deve implicar no reconhecimento exclusivo dos vínculos positivos entre ambos, assunto que merece mais atenção, tendo em vista o aprofundamento crítico de alguns textos aqui apresentados.

5 Considerações finais

As relações de Adolfo Casais Monteiro e de Arnaldo Saraiva com a literatura brasileira e o interesse pelo Brasil estão patentes em muitos de seus escritos. O desejo e a necessidade de divulgá-la em Portugal é, então, uma perspectiva adotada por ambos, ainda que de diferentes formas e meios. Observam-se, também, alguns pontos de contato entre seus escritos, tais como a defesa de bibliotecas portuguesas no Brasil; a criação de cursos de literatura, cultura e história de Portugal no Brasil e vice-versa; a reivindicação de uma maior atuação por parte dos livreiros na divulgação das duas literaturas e a criação de veículos especializados, como as revistas literárias, que contemplem o que de mais novo se tem produzido em cada um dos lados do Atlântico. Apesar disso, em função da especificidade dos contextos sociais e históricos em que estiveram inseridos no quando da produção de seus escritos, é possível verificar aspectos mais pontuais nas defesas de cada intelectual.

Desde que integra a direção da revista *Presença*, em 1931, Casais Monteiro, inicia um intercâmbio com escritores brasileiros escrevendo vários ensaios dedicados a Ribeiro Couto, Manuel Bandeira e Jorge de Lima, além de trocar inúmeras correspondências com autores do nosso modernismo, mantendo um diálogo constante com a cultura e a literatura brasileiras. Posteriormente, quando se dirige para o Brasil, em 1954, já reconhecidamente um importante crítico literário, dá continuidade ao seu interesse em estabelecer um verdadeiro intercâmbio entre Brasil e Portugal por meio da defesa da importância de se desenvolver um esforço de compreensão e conhecimento mútuo entre os dois países. Durante sua permanência no Brasil, de 1954 a 1972, tem uma intensa produção crítica em colaboração com os jornais brasileiros *Portugal Democrático* e *O Estado de S. Paulo*. Atua, ainda, ministrando palestras e cursos sobre literatura, história e crítica literária em diferentes instituições do país. Se comparada aos escritos de Arnaldo Saraiva, a tônica política parece mais evidente naqueles de Adolfo Casais Monteiro – em função de ter vivido e produzido em um momento histórico, local e global, de profundas tensões e transformações – a instauração do Estado Novo (1932-1974), em Portugal; a Segunda Guerra Mundial; o exílio no Brasil e, depois, a ditadura militar no Brasil (1964-1985).

Arnaldo Saraiva, por sua vez, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, reiterou a responsabilidade que a condição de sócio correspondente lhe acrescenta e reafirmou seu compromisso em favor da literatura brasileira – cuja importância e presença em Portugal vem defendendo desde a década de 1960 – certo, agora, de poder contar com o apoio da instituição para suas causas e também para os projetos que vem desenvolvendo. Entre os atuais, está a criação de “uma grande biblioteca da cultura brasileira, que não há na Europa, e que tanta falta faz” (SARAIVA, 2009), além da promoção de encontros regulares com escritores brasileiros e portugueses – à semelhança do que fora realizado no Porto em 2000 e em 2015. Tem sido frequente a sua presença no Brasil, participando de bancas, colóquios, conferências, palestras, exposições, entrevistas, lançamentos etc.

Destacamos, por fim, a relevância dos estudos da literatura para as pesquisas mais recentes sobre as relações entre Portugal e Brasil. Não menos importante é o empenho desses estudiosos que contribuíram com a história da cultura, mesmo em momentos difíceis de autoritarismo e de crise das humanidades.

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. AO VIVO: Escritor português Arnaldo Saraiva toma posse como Sócio Correspondente na ABL. *Site oficial da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, 24 set. 2009. Notícias. Disponível em: <https://www.academia.org.br/noticias/ao-vivo-escritor-portugues-arnaldo-saraiva-toma-posse-como-socio-correspondente-na-abl>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BAPTISTA, A. B. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ. Exposição: “Folhetos de Cordéis Portugueses: coleção Arnaldo Saraiva”. *Blog da Biblioteca Central do Gragoatá*, Niterói, 10 dez. 2014. *Weblog*. Disponível em: <https://bibliotecacentraldogragoata.blogspot.com/2014/12/exposicao-folhetos-de-cordel.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BOCHICCHIO, M. Arnaldo Saraiva: ‘a caminho do que vem a caminho’. In: MORUJÃO, I.; SANTOS, Z. (coord.). *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil – Homenagem a Arnaldo Saraiva*. Porto: CITCEM; Edições Afrontamento, 2011. p. 529-543.
- CANDIDO, A. [Entrevista concedida a Arnaldo Saraiva]. *Jangada*. n. 13, p. 115-119, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/265/200>. Acesso em: 2 abr. 2020.
- CANDIDO, A. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p.117-147.
- CANDIDO, A. Prefácio. In: LEMOS, F.; LEITE, R. M. (org.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo: Edusc: Unesp, 2003. p. 15-20.
- COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. António Guterres prestigia CPLP e projeta língua portuguesa. *Site da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*. Lisboa, 3 nov. 2016. Notícias. Disponível em: <https://www.cplp.org/Default.aspx?ID=4447&Action=1&NewsId=4685&M=NewsV2&PID=10872>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- CONGRESSO de Literatura Brasileira. *Cultura, Arte & Literatura*, [S.l.], 17 nov. 2005. Disponível em: <http://literaturaemanalise.blogspot.pt/2005/11/congresso-de-literatura-brasileira.html>. Acesso em: 5 jan. 2020.
- CRUZ, M. A. *Do Porto para o Brasil: a outra face da emigração oitocentista à luz da imprensa portuense*. Conferência proferida no congresso “O Porto

na Época Contemporânea”, Porto, 1989. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6402.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2020.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO. IV Congresso Português de Literatura Brasileira. In: *Site da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: FLUP, [2005?]. Disponível em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=541. Acesso em: 20 jan. 2020.

FERRARI, L. M. B. *Adolfo Casais Monteiro e a literatura brasileira em Portugal (1932-1954)*. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

GOTLIB, N. B. *O estrangeiro definitivo: poesia e crítica em Adolfo Casais Monteiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

LEITE, R. M. *Casais Monteiro: uma antologia*. São Paulo: Edusc: Unesp, 2012.

LEONE, C. *O essencial sobre Adolfo Casais Monteiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

MONTEIRO, A. C. Para um verdadeiro intercâmbio cultural luso-brasileiro, *O Diabo*, [S.l.], n. 130, p. 1, 1936.

PERRONE-MOISÉS, L. A crítica viva de Casais Monteiro. In: LEMOS, F.; LEITE, R. M. (org.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo: Edusc: Unesp, 2003. p. 53-60.

SARAIVA, A. A causa da literatura brasileira em Portugal. *Terceira Margem*, Porto, n. 4, p. 7-9, 2003.

SARAIVA, A. A poesia brasileira em Portugal. *Terceira Margem*, Porto, n. 3, p. 7-14, 2002.

SARAIVA, A. Arnaldo Saraiva condecorado pelo Governo brasileiro. *Terceira Margem*, Porto, n. 3, p. 80, 2002.

SARAIVA, A. *Carlos Drummond de Andrade: uma pedra (preciosa) no meio do (meu) caminho*. Porto: Livraria Académica, 2019.

SARAIVA, A. *Discurso de posse como Sócio Correspondente na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, 2009. Comunicação oral.

SARAIVA, A. Literatura brasileira em questão. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2., 2000, Porto. *Actas [...]*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000.

SARAIVA, A. *Modernismo brasileiro e Modernismo portugueses*: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SARAIVA, A. Os estudos de literatura brasileira nas universidades portuguesas. *Terceira Margem*, Porto, n. 2, p. 7-17, 1999.

SARAIVA, A. Terceira Margem. *Terceira Margem*, Porto, n. 2, p. 69, 1999.

SARAIVA, A. Uma visão geral e parcial da ‘literatura brasileira’. In: TOPA, F.; SIQUEIRA, J. S.; YOKOZAWA, S. F. C. (org.). *Estudos de literatura brasileira em Portugal: travessias*. Porto: CITCEM: Edições Afrontamento, 2016. p. 19-23.

SILVA, D. M. da. *A ética da resistência*: os exilados anti-salazaristas do ‘Portugal Democrático’ (1956-1975). 2000. 160f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SILVA, D. M. da. *Intelectuais portugueses exilados no Brasil. Formação e transferência cultural, século XX*. 2007. 335f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SIQUEIRA, J. S.; FERRARI, L. M. B. *Literatura brasileira em Portugal*: a revista *Terceira Margem. Brasil/Brazil*, Porto Alegre, v. 31, n. 57, p. 51-70, 2018.

TAVARES-BASTOS, A. D. (ed.). *Anthologie de la poésie brésilienne contemporaine*. Tradução de A. D. Tavares-Bastos. Paris: Éditions Pierre Tisné, 1954.

TOPA, F.; SIQUEIRA, J. S.; YOKOZAWA, S. F. C. (org.). *Estudos de literatura brasileira em Portugal: travessias*. Porto: CITCEM; Edições Afrontamento, 2016.

UNIVERSIDADE DO PORTO. Antigos estudantes ilustres da Universidade do Porto. In: *Site da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, c1996-2010. *Webpage*. Disponível em: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20agostinho%20da%20silva. Acesso em: 20 jan. 2020.

Recebido em: 2 de fevereiro de 2020.

Aprovado em: 10 de julho de 2020.